

ANAIS DO
VIII ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA
HISTÓRIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
HIFEM

Arte, História e Educação Matemática

Organização:

Virgínia Cardia Cardoso
Carolina Pereira Aranha
Andreia Dalcin
Arlete de Jesus Brito

UFRGS
UFABC
Santo André, 2023



**ANAIS DO VIII ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA
HISTÓRIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA – HIFEM**

Arte, História e Educação Matemática

Organização:

Virgínia Cardia Cardoso

Carolina Pereira Aranha

Andréia Dalcin

Arlete de Jesus Brito

3ª Edição

UFABC/ UFRGS

Santo André, 2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E56a

Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática - HIFEM (8. : 2023 : Santo André, SP).

Anais do VIII Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa História, Filosofia e Educação Matemática / Virgínia Cardia Cardoso ... [et al.] (Org.); – 3.ed. - Santo André : UFABC, 2023.

144 p.

ISBN: 9786559732838

1. Evento. 2. História. 3. Filosofia. 4. Educação Matemática.
I. Cardoso, Virgínia Cardia. II. Título.

CDU: 37:061.3

Bibliotecária: Evelin Stahlhoefer Cotta CRB-10/1563

Capa: Arlete de Jesus Brito



PERCURSO DOS ESCRITOS DE ROSVITA DE GANDERSHEIM

*Lucas Führ*⁵³

*Andréia Dalcin*⁵⁴

Resumo

Este texto, recorte de uma pesquisa de mestrado acadêmico em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que analisa os escritos de Rosvita de Gandersheim. A pesquisa situa-se na interface da História da Matemática e História da Educação Matemática. Nessa comunicação temos o objetivo de apresentar o percurso dos escritos de Rosvita de Gandersheim, canoniza que viveu no século X, no Mosteiro de Gandersheim, localizado em Bad Gandersheim, atual Alemanha. Este percurso está ancorado nas traduções em língua portuguesa, publicada por Maria de Regino em 2020, e na tradução em língua espanhola, publicada por Xosé Carlos, Santos Paz, em 2000. Além disso, pretende-se trazer uma breve discussão sobre traduções como objetos de estudo, tendo como principais referências Montoito (2013), Campos (2004) e Montoito e Dalcin (2022).

Palavras-chave: Traduções; Idade Média; História da Matemática

1. Introdução

O processo de pesquisar sempre está atrelado às nossas vivências pessoais, profissionais e escolares. Ao longo da construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fui buscar nas minhas memórias os momentos vividos com a Matemática e percebi que, durante toda a minha jornada escolar, o Teatro se mostrou um fator importante para que eu conseguisse dar vida e voz a histórias e escritos que não eram meus e, conseqüentemente, me ajudavam na sala de aula em performar, por diversas vezes, papéis que não condiziam com o meu verdadeiro eu. Foram essas lembranças que me envolveram e me mostraram que seria possível escrever um grande roteiro, abrangendo Matemática e Teatro, intitulados de “Matemática e Teatro: um olhar sobre o desenvolvimento de competências no processo de construção de peças teatrais com enredos matemáticos”, apresentado em julho de 2019, orientado pela professora Dra. Andreia Dalcin.

⁵³ Lucas Führ, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), licenciado em Matemática pela UFRGS, lucas.fuhr.18@gmail.com

⁵⁴ Andréia Dalcin, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, deiadalcin@gmail.com

Ao ingressar no mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEMAT) da UFRGS, o processo de buscar memórias foi o mesmo. Desde muito pequeno, lembro bem de acordar para ir à escola e me deparar com minha mãe, sentada à mesa, tomando seu café com leite e lendo um livro. Lembro também das experiências vividas no meu período de grupo de jovens, na Paróquia São Miguel de Dois Irmãos, Rio Grande do Sul, onde eu sempre estava envolvido em escrever roteiros de espiritualidade e leituras da Bíblia.

Concomitante a tudo isso, o Teatro me atravessava como um divisor de águas e me coloca no desafio de dar vida a escritos que não eram meus, e a personagens que eu não havia criado, transmitindo ao público todos os sentimentos e emoções que estavam escritos em um pedaço de papel. Assim, essas três fases da minha vida influenciaram – e ainda influenciam – nos meus processos de escrever.

Margareth Schäffer, em *Escrever sobre o Escrever* diz que a escrita tem o desejo de perpetuar o que já foi vivido, mantendo a lembrança para as gerações futuras transformando a plasticidade das experiências vividas em rigidez que só é salva quando está codificada e fixa e, por ser desta maneira, a escrita é colocada no lugar de morte, já que transforma a palavra oral tão viva. Contudo, um movimento chamado de morto que perpetua algo que foi vivido testemunha, paradoxalmente, “[...] o esplendor e a fragilidade da existência.” (SHÄFFER, 2009, p. 106), trazendo à tona a fragilidade de quem escreve.

Rosvita de Gandersheim chegou até mim por meio de sua peça teatral *Sabedoria* que fala sobre a paridade dos números, generalizando os conceitos a partir das idades das filhas de Santa Sabedoria – Fé, Esperança e Caridade – classificando-os em números excedentes, deficientes, perfeitos, parmente pares, ímpares e imparmente pares. A partir dessa peça teatral, voltamos os nossos olhos para os demais escritos que Rosvita deixou de legado, e percebemos que ali poderia existir um rico material de estudo desenvolvido pela canonisa, ao longo de sua existência durante o século X, para ajudar as mulheres da época nas administrações dos feudos e mosteiros.

E assim, rodeado novamente pelas minhas experiências, e com a ânsia de responder perguntas que haviam sido deixadas para trás, minha pesquisa de mestrado nasce como uma expansão deste trabalho de conclusão supracitado, com intenções diferentes e novas reflexões direcionadas para as relações históricas entre Matemática e Teatro, especificamente por meio de Rosvita, personagem principal deste novo roteiro/pesquisa, que viveu no mosteiro de Gandersheim, na Idade Média.

Este texto apresenta um recorte da dissertação de mestrado “Rosvita de Gandersheim: a Matemática em seus escritos do século X” em andamento pelo PPGEMAT, orientada também pela Prof.^a Dra. Andréia Dalcin, cujo objetivo principal é de apresentar o percurso dos escritos de Rosvita, trazer uma breve discussão sobre o uso de traduções como fontes de pesquisa, assim como, apresentar as traduções que servem de referência para a pesquisa.

2. Traduções como objeto de estudo

A presente pesquisa de natureza historiográfica se dá na interface entre a História da Matemática e a História da Educação Matemática, e está sustentada nos estudos de Ginzburg (1989), por meio do Paradigma Indiciário. Estabeleço com relação a esse método de pesquisar uma analogia entre corpo e história.

Para conseguir distinguir as peculiaridades nas obras dos grandes artistas, estas se encontram nas dobras das orelhas, nas articulações dos dedos, nas características que os tornam únicos, dificilmente imitáveis. Portanto, analisar a História nos pequenos detalhes é olhar para o imperceptível, ver aquilo que ninguém viu, buscar indícios das relações entre Matemática e Teatro na Idade Média, por meio de peças teatrais e textos literários produzidas naquela época.

[...] é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. (GINZBURG, 1989, p. 144).

Assim, não estou preocupado em analisar os grandes acontecimentos da Idade Média e em como a Matemática se manifesta ao longo deles, mas sim olhar para as dobras dos dedos das mãos e dos pés da Idade Média, por meio de Rosvita de Gandersheim, e entender o que essas curvas me dizem.

Esta pesquisa também está sendo desenvolvida na perspectiva da História Cultural ancorada em Ginzburg (1989; 2006; 2007) e Burke (2004). Pesquisar, tendo como perspectiva a História Cultural, não se trata de refletir sobre a História nos velhos moldes, assim como estudar grandes intelectuais, mas sim, pensar na cultura como um emaranhado de significados para que sejam partilhados para entender o mundo.

A História Cultural pode ser vista como um processo de visita ao passado para que possamos construir o contemporâneo, por meio de discussões, a fim de contribuir significativamente para o futuro. A partir disso, Pesavento (2013) traz a História Cultural como uma [...]

[..] ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. Se estamos em busca de retrair uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes. (PESAVENTO, 2012, p. 9).

Diante do exposto, é possível afirmar que pesquisar na perspectiva da História Cultural, como Ginzburg (1989) faz por meio do Paradigma Indiciário, significa olhar para a História nos pequenos detalhes, seja pelos membros imperceptíveis dos corpos, como os fios que tecem um tecido.

Esses indícios estão sendo procurados em traduções dos escritos de Rosvita de Gandersheim, inicialmente nas línguas portuguesa e espanhola. A tradução em língua francesa, publicada por Charles Magnin, em 1845, também foi encontrada, mas ainda não foi explorada. Para Montoito e Dalcin (2022), “o ato de traduzir implica em codificar as palavras do texto original em outras, da linguagem materna, para que o texto venha a ter sentido.” (MONTITO, DALCIN, 2022). Além disso, Montoito (2013), sustentado em Campos (2004), diz que a tradução consiste na modificação de um material textual de um idioma para outro. Entretanto, as traduções por mim realizadas sofrem interferência da minha leitura e compreensão ao longo desse processo.

Os textos encontrados passaram, *a priori* por uma tradução literal, mas que não são o bastante para esta pesquisa, pois sinto a necessidade de buscar o contexto histórico em que os dramas foram escritos relacionando com outros contextos que atravessam essas narrativas, tornando este um trabalho de re - interpretação e ressignificação, trazendo outros significados para estes escritos (MONTITO, 2013).

Em outras palavras, significa voltar os meus olhos aos escritos dramáticos de Rosvita de Gandersheim, por meio de suas traduções, buscar o contexto em que eles foram produzidos, as possíveis intencionalidade de Rosvita no século X, assim como, as relações dos sentidos matemáticos atribuídos ao cristianismo, visto que Rosvita é uma canonisa que viveu em um mosteiro, no Século X.

Contudo, entendo que se faz necessário olhar para as três traduções (portuguesa, espanhola e francesa) e fazer um exercício de comparação acerca da estética, escrita matemática, ordem dos dramas, contextualização introdutória, percurso dos escritos e notas dos (as) tradutores e tradutoras.

3. Percurso dos escritos de Rosvita de Gandersheim

O pouco que se sabe de sua vida vem do fato de que ela foi a primeira mulher a escrever dramaturgia no Ocidente, nascida entre os anos de 912 e 940, visto que, em seus prefácios, ela afirma o seu nascimento depois da morte de Oto, o Ilustre da Saxônia, e antes do nascimento de Gerberga II, sobrinha do Imperador Oto I, e abadessa do mosteiro de Gandersheim quando Rosvita ingressou para estudar. Essas informações, cruzadas por biógrafos com os fatos históricos supracitados, sugerem que 935 foi o ano de nascimento de Rosvita. Sobre o seu falecimento, estima-se que foi entre 973 – 1002. (REGINO, 2020).

No prefácio que escreveu para seus dramas, Rosvita afirma ter nascido depois da morte de Oto, o Ilustre, da Saxônia e ser mais velha que a abadessa Gerberga II, sobrinha do Imperador Oto I, patrono da abadia. Essas informações sugerem que Rosvita nasceu depois de 912, ano da morte de Oto, o Ilustre e antes de 940, ano de nascimento de Gerberga. Atualmente, seus biógrafos consideram 935 como ano de seu nascimento. Ainda mais imprecisa é a sua morte, que ocorreu, possivelmente, entre os anos de 973 e 1002. (REGINO, 2020, p.11 – 12).

Rosvita escrevia em latim, conhecia o grego e dominava as disciplinas do *Trivium* – Lógica, Gramática e Retórica – e do *Quadrivium* – Aritmética, Geometria, Música e Astronomia – assim como conhecimentos relacionados ao estudo do texto. Foi aluna de sábias monjas como, por exemplo, Ricarda e Gerberga, ambas do mosteiro de Gandersheim, também chamado de Abadia de Gandersheim. Ao ingressar na abadia, Rosvita fez votos de castidade e obediência, mas não de pobreza. Isso caracteriza que a escritora poderia se desligar da abadia de Gandersheim a qualquer momento e, por consequência, ela não era considerada uma monja, mas sim uma canonisa. Para a época, isso mostra que Rosvita vêm de uma família cuja posição econômica era considerada nobre. Rosvita “[...] deixou uma obra que revela seus dons para a dramaturgia, a narrativa poética e os relatos históricos.” (REIGNO, 2020, p. 14).

Sobre os manuscritos da canonisa, esses ficaram perdidos por séculos e, em 1494, Conradus Celtis (1459 – 1508), professor e historiador alemão colecionador de manuscritos em grego e latim, os descobriu na abadia beneditina de Saint Emmeram. Não se tem registro de como esses textos foram parar lá (REGINO, 2020). Em 1501, Conradus Celtis publicou a *editio princeps* (primeira impressão publicada) dos escritos da canonisa. E assim, a partir do século XVI, as primeiras traduções e adaptações em alemão e húngaro começaram a circular, saindo da Alemanha (PAZ, 2000). Esta primeira impressão foi organizada em Nuremberg, localizada ao norte da Bavária, na Alemanha, com ilustrações de Albrecht Durei, pintor e gravurista, criador do princípio básico de raios, técnica muito utilizada na computação gráfica (REGINO, 2020).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII, as obras de Rosvita caíram no esquecimento novamente, salvo a publicação de uma tradução alemã da primeira parte de Galicano, realizada por Johann Christoph Gottsched (1700 – 1766), escritor, crítico e dramaturgo alemão.

No século XIX, especificamente, em 1845, Charles Magnin (1793 – 1862), escritor francês, dramaturgo e crítico teatral, traduziu a versão completa das obras de Rosvita, reunidas por Conradus Celtis, para o francês, trazendo informações novas sobre a canonisa (REIGNO, 2020). Esta publicação teve uma grande repercussão causando interesse de Anatole France (1844 – 1924) por Rosvita que levou o drama Abraão para os palcos e transformou o drama de Pafnúcio na novel Thaís, exibida na França em 1890, adaptado após por Louis Gallet (1835 – 1898) como livro para uma ópera cuja sua estreia foi em 1894. Por consequência, em 1911, essa história foi retratada no cinema, tendo Mary Garden (1874 – 1967) interpretando o papel de Taís (PAZ, 2000). Foi nesse mesmo período que os escritos de Rosvita foram questionados sobre a sua autenticidade por meio de Joseph Aschbach (1801 – 1882), historiador austríaco, que argumentava que as obras da canonisa eram uma falsificação de Conradus Celtis e os membros da *Sodalitas Rhenana* (Sociedade Literária Germânica). (PAZ, 2000).

No século XX, Paul von Winterfeld (1872 – 1905), tradutor, publicou a primeira edição crítica dos dramas de Rosvita de Gandersheim e traduções em diversas línguas foram publicadas. Ao mesmo tempo, os dramas foram levados ao teatro, inicialmente no contexto universitário e logo após, por companhias teatrais.

Os especialistas salientaron a modernidade dos dramas de Rosvita, comparándoos co teatro de Breche ou de Artaud. Mostras desa modernidade son a acollida de Rosvita por parte de grupos feministas norte-americanos ou algunhas adaptacións dos seus dramas que se fixeron neste século: Paul Wilstach converteu o *Pafoutius* nunha comedia en carroactos, que representou en Nova Iorque no ano 1911; en 1973 Rita Mae Brown, líder do movemento homosexual en Estados Unidos, referiuse amplamente ao *Dulcitus* na súa novela *Rubyfruit jungle*; em 1975, no teatro Máximo Gorki de Berlín Leste, Peter Hacks presentou *Rosie traumt*, unha especie de *collage* que parodiaba o *Gallicanus*, onde a protagonista era a propia Rosvita. (PAZ, 2000, p. 35).

Em 2000, Xosé Carlos Santos Paz, por meio do Departamento de Galego-Português, Francês e Linguística, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coruña, localizada na Espanha, publicou uma tradução das obras de Rosvita trazendo uma rica introdução sobre a canonisa, sua formação cultural e suas obras, corrigindo a pontuação, quando necessário. A tradução está organizada de maneira que a escrita em latim de Rosvita vem precedida de sua tradução.

Em 2020, Maria de Regino, escritora, tradutora e professora de Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, publicou um e-book contendo a tradução dos seis dramas de Rosvita de Gandersheim, trazendo em seu prefácio, uma contextualização sobre o contexto histórico, religioso e cultural onde Rosvita cresceu e se desenvolveu, incluindo o Mosteiro de Gandersheim.

Essas duas últimas traduções, Paz (2000) e Regino (2020), constituem as principais referências para construir o percurso dos escritos de Rosvita de Gandersheim.

4. Considerações Finais

Como dito anteriormente, este texto é um recorte da pesquisa de Mestrado Acadêmico pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática que visa entender a Aritmética desenvolvida nos escritos de Rosvita de Gandersheim, canonisa que viveu no século X, no Mosteiro de Gandersheim, por meio de três traduções encontradas até o momento: tradução em língua portuguesa publicada por Maria de Regino, tradução em língua espanhola publicada por Xosé Carlos Santos Paz e uma tradução em língua francesa publicada por Charles Magnin.

O processo de análise destas traduções está em andamento, assim como o processo de traduzir uma tradução em outro idioma. Pretendo, até a versão final da pesquisa, apresentar uma comparação entre as três traduções com a maior riqueza de detalhes possível.

Referências

- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 2004;
- MONTOITO, R.; *Euclid and His Modern Rivals (1879), de Lewis Carrol: Tradução e Crítica*. Tese (Doutorado), 447f, Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 2013;
- MONTOITO, R. DALCIN, A. **Quase a mesma coisa: pensando uma topologia da tradução e/em pesquisas em Educação Matemática à luz de Wittgenstein**. In: Revista Educação Matemática Pesquisa, V. 24, n.2, 2022. <https://doi.org/10.23925/1983-3156.2022v24i2p180-218>
- SCHAFFER, M. Escrever sobre o Escrever. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 21, Edição Especial, p. 105-111, 2009;
- PAZ, X. C. S. **Obra Dramática: Rosvita de Gandersheim**. Tradução: Xosé, Carlos Santos Paz. Espanha: Baía Edicións, 2000;
- REGINO, M. **Dramaturgia de Rosvita de Gandersheim**. Tradução: Maria de Regino. Goiás: [s.n.]. 2020. E-book Kindle

Visita ao Sabina (12/08/23)

